26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

O NÓ MATERNO NAS CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO: FANZINES AUTOETNOGRÁFICOS COMO DISPOSITIVOS DE MEMÓRIA E GÊNERO

THE MATERNAL KNOT IN INFORMATION SCIENCES: *AUTOETHNOGRAPHIC FANZINES AS MEMORY AND GENDER DEVICES*

Natalia Duque-Cardona – Universidade de Antioquia (UdeA, Colombia) / Universidade Federal do Cariri /(UFCA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Jane Lazarre argumenta em sua obra que quanto mais filhos se tem, com maior ferocidade se destrói a própria alma independente. Essa afirmação, publicada em 1976, segue sendo dolorosa e vigente meio século depois na pele de quem materna enquanto tenta fazer ciência, mulheres cientistas. Este trabalho parte desse incômodo/dor para perguntar-se o que acontece quando uma cientista social do campo das Ciências da Informação decide narrar sua maternidade não em uma revista indexada, mas em quatro fanzines autoetnográficos produzidos durante uma estância pós-doutoral no Sul da América. Nesse sentido, o trabalho analisa o fanzine como dispositivo informacional contra-hegemônico que registra memórias que o circuito acadêmico convencional não acolhe: o corpo que amamenta entre buscas bibliográficas, a culpa que acompanha cada congresso, a rede de mulheres que sustenta cada capítulo entregue. Ao mesmo tempo, reivindica a autoetnografia como método legítimo para um campo disciplinar que tem privilegiado a objetividade e o distanciamento. Apresenta os fanzines em uma tripla dimensão: objeto de estudo, método de pesquisa e ato político, concluindo que as Ciências da Informação necessitam abrir e fomentar espaços para as narrativas em primeira pessoa que, como o nó materno de Lazarre, não se resolvem, mas se habitam.
Palavras-chave: nó materno; fanzine autoetnografia; maternidade acadêmica; Ciências da Informação; dispositivo de memória.

Abstract: Jane Lazarre argues in her work that the more children you have, the more ferociously you destroy your independent soul. This assertion, published in 1976, remains painful and relevant half a century later for those of us who mother while pursuing science—women scientists. This work stems from that discomfort/pain to ask what happens when a social scientist in the field of Information Science decides to narrate her motherhood not in an indexed journal, but in four autoethnographic fanzines produced during a postdoctoral stay in South America. In this vein, the work analyzes the fanzine as a counter-hegemonic informational device that records memories that the conventional academic circuit does not accommodate: the body that breastfeeds amidst bibliographic searches, the guilt that accompanies each conference, the network of women that sustains each submitted chapter. At the same time, it reclaims autoethnography as a legitimate method for a disciplinary field that has privileged objectivity and distance. It presents fanzines in a triple dimension: object of study, research method and political act, concluding that Information Sciences require opening and promoting spaces for first-person narratives that, like Lazarre's maternal knot, are not resolved, but inhabited.
Keywords: maternal knot; fanzine autoethnography; academic motherhood; information sciences; memory device.

1 INTRODUÇÃO

Há uma cena que não aparece nos currículos acadêmicos como Lattes ou perfis do Google Scholar: uma mulher às 3h da manhã tentando ler um artigo sobre economias camponesas antes que sejam 5h e sua filha e filho despertem para a rotina escolar; calcula se terá tempo para a entrega do pós-doutorado e, desanimada, sabe que não conseguirá; essa mulher sou eu e este trabalho nasce daí, de um lugar incômodo onde a maternidade e a academia se enlaçam sem que ninguém tenha avisado que o nó não se desata.

Jane Lazarre (1976) nomeou isso antes de qualquer pessoa: *the mother knot*, o nó materno, uma tensão irresolúvel entre a mulher que se era antes e a mãe em que se transforma; entre a intelectual que precisa de silêncio para pensar, escrever e produzir e a mãe cujo corpo responde ao choro de um bebê antes que sua mente registre o som. Lazarre escreveu que quando se é mãe as frases sempre têm duas partes e a segunda contradiz sempre a primeira; o amor materno trata precisamente disso, de tolerar a ambivalência. Meio século depois, essa dicotomia segue sem ter lugar na produção acadêmica das Ciências da Informação.

Onde cabem, nas revistas indexadas, os relatos de quem materna enquanto pesquisa? Em qual descritor do tesauro catalogamos a culpa de deixar os filhos para assistir a um congresso? Com quais metadados classificamos o esgotamento de uma bibliotecária que cria sem renunciar a si mesma? Não há espaço para esses descritores; contudo, o mais

preocupante é que essa ausência não é um esquecimento, corresponde a um sintoma de um campo disciplinar que segue pensando a informação como algo que circula fora dos corpos.

Em 2025, durante uma estância pós-doutoral na Argentina —a 6.381 quilômetros do que havia chamado de casa até aquele momento em Medellín, com meus dois filhos, uma mala de 23 quilos cada, um instrumento e uma mochila—, decidi que, se as Ciências da Informação não tinham espaço para minha história, eu iria criá-lo. O resultado foram quatro fanzines autoetnográficos que escrevi entre buscas em bases de dados, leitura de livros e artigos, trabalho de campo e cinco refeições diárias (as sessões de yoga que pensei poder fazer estando longe de casa em uma estância pós-doutoral nunca chegaram) e noites de insônia compartilhada com um adolescente e uma pré-adolescente que não pediram para ser afastados de sua cidade.

Os fanzines se intitulam: *Irse para encontrarse: memorias desde el Sur*; *Acerca del deseo, la culpa y lxs hijxs*; *Maternidad sin previo aviso*; e *Criar, alimentar: una tarea sin manual de instrucciones*. Cada um aborda uma dimensão distinta do nó: a migração acadêmica como mãe, a tensão entre desejo próprio e demandas da criação, a maternidade não planejada e suas reverberações na vida profissional, e o criar como ato de linguagem vinculado a bibliotecas e escolas rurais.

Este material trazido ao campo acadêmico resulta neste trabalho que propõe um exercício triplo: ler os fanzines como dispositivos informacionais que desafiam os circuitos convencionais de produção e circulação do conhecimento nas Ciências da Informação; reivindicar a autoetnografia como método válido para um campo que construiu sua legitimidade sustentado no distanciamento e na suposta neutralidade; e, seguindo Lazarre, habitar o nó materno sem pretender resolvê-lo, porque solucioná-lo seria mentir.

2 O MÉTODO É O CORPO: AUTOETNOGRAFIA COMO EPISTEMOLOGIA

Começo por onde não é usual iniciar uma seção metodológica: por uma confissão. Este trabalho não é objetivo, nem pretende sê-lo; é parcial, situado e encarnado. Faz parte da minha experiência como mulher, mãe, professora, bibliotecária, feminista, colombiana, migrante temporária no Sul. Cada uma dessas condições marca o que vejo, pergunto e calo. E para mim essa parcialidade, longe de ser uma fraqueza, é a aposta epistemológica deste trabalho.

A autoetnografia, como argumentaram Ellis e Bochner (2000), Adams, Holman Jones e Ellis (2015), e na América Latina Blanco (2012), refere-se a um método de pesquisa qualitativa que utiliza a experiência pessoal do pesquisador como dado primário para compreender fenômenos culturais mais amplos. Em nenhum caso corresponde a narcisismo acadêmico como às vezes se quer apresentar; é, antes, uma oportunidade para reconhecer que o conhecimento se produz a partir de corpos situados e que negar essa condição não nos torna mais rigorosos, mas sim mais desonestos.

Harding (1987) colocou isso com clareza ao propor a *strong objectivity*, uma objetividade que não esconde a posição do sujeito que investiga, mas a explicita como parte do processo de conhecimento. Nas Ciências da Informação, onde prevalece um paradigma positivista herdado da documentação europeia, essa aposta segue sendo disruptiva. As revistas do campo publicam estudos métricos, análises de sistemas, avaliações de serviços; raramente divulgam a voz em primeira pessoa de quem habita esses sistemas e serviços enquanto cria filhos.

Os quatro fanzines que analiso foram produzidos entre janeiro e maio de 2025, período em que realizei uma estância pós-doutoral na Universidad Nacional de Villa María (Córdoba, Argentina), no marco da pesquisa «Cosechar la palabra para alimentar la vida». Cada fanzine foi desenhado por mim, escrito em espanhol com giros coloquiais deliberados, e incorpora poesia (Gabriel Gamar, Sharon Olds, Emily Dickinson, Amelia Biagioni) em diálogo com dados estatísticos (ONU Mulheres, DANE, Secretaria de Cultura da Argentina), referências acadêmicas (Pena, 2019; Remorini, 2013) e narrativa pessoal sem aplicar filtros acadêmicos; foram publicados em acesso aberto através de links de livre circulação.

O procedimento analítico realizado para este trabalho consistiu em uma análise de conteúdo que partiu de uma releitura dos fanzines, já não como autora, mas como cientista da informação, situada na pergunta: que tipo de documento é este material? Que informação registra que outros documentos não registram? Que sistema de organização do conhecimento poderia classificá-lo? A que público chega e a qual exclui? O que diz sobre as Ciências da Informação o fato de que este documento não exista como categoria em nosso campo? A resposta a esta última pergunta é, talvez, o achado mais importante e doloroso deste trabalho.

3 O NÓ MATERNO: MATERNAR E PESQUISAR NAS CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO: A AMBIVALÊNCIA COMO CONDIÇÃO

Lazarre (1976) descreve um desdobramento brutal: a escritora que precisa de solidão e a mãe cujo corpo já não lhe pertence, uma cisão que a crítica literária Carolina del Olmo situa nas margens entre autobiografia e ensaio, é exatamente o que vivi ao decidir ir para o Sul da América.

> Me gradué de Bibliotecología cuando mi primer hijo tenía ocho meses de nacido, no existieron para mí las licencias de maternidad; el pedacito de cielo nació un viernes y el miércoles siguiente yo estaba en un aula terminando la última materia para titularme como Bibliotecóloga. Desde 2011 hasta 2024, la maratón no se detuvo: ser buena madre, buena profesional, ascender socialmente, ser exitosa. Uffff, cuesta montones (Duque-Cardona, 2025a, não paginado).

Rich (2019), destacada poeta, ensaísta e teórica feminista estadunidense, distinguiu entre a maternidade como experiência e como instituição; a primeira é íntima, ambivalente, contraditória, enquanto a segunda é o conjunto de normas, expectativas e mandatos que regulam como devemos maternar. De fato, como coloca em seu livro *Nacemos de mujer: la maternidad como institución*:

> La "institución maternidad" es la maternidad bajo el patriarcado: el conjunto de suposiciones y normas, de reglamentos y controles que secuestra la experiencia, la ordena de acuerdo a un poder ajeno y domestica esa parcela de las vidas de millones de mujeres [y otras identidades que gestan]; una institución que, en efecto, parece haberse debilitado en los últimos cincuenta años gracias a las luchas feministas: pero solo a trozos, solo para ciertos segmentos de la sociedad; podría decir que no está en absoluto en retroceso: solo se ha hecho más invisible e interiorizada (Rich, 2019, p. 18).

Os fanzines que escrevi se situam deliberadamente na maternidade como experiência, uma vez que são o registro de uma vivência que a instituição acadêmica prefere não ver e manter à margem de seus claustros, porque a universidade nos quer produtivas, publicando, assistindo a congressos, dando aulas. Esquece e dá as costas ao fato de que preparamos cinco refeições por dia e calculamos quase diariamente o orçamento para as lancheiras na escola argentina.

> En los últimos dos años me agota escuchar que me digan: tu ritmo, acelerada, cálmate, tienes que bajarle. Me agotan las voces que no saben de dónde viene la decisión de movilizarme. La razón es una, y es la principal: no desistir de mis sueños. ¿Cómo se hace esto en un país tercermundista? ¿Sin apoyos? ¿Con una antesala de mamá y abuela madres solteras? No romanticemos el esfuerzo que las mujeres solas hacen para salir adelante (Duque-Cardona, 2025a, não paginado).

3.1 O CUSTO INVISÍVEL

Há um dado que as estatísticas de produtividade acadêmica não consideram: o preço emocional de maternar enquanto se pesquisa. Takahashi e Takahashi (2015) documentaram que as diferenças de gênero em conquistas acadêmicas são mínimas entre cientistas sem filhos, mas disparam dramaticamente quando há criação envolvida. As mães na academia são promovidas mais lentamente, publicam menos, abandonam mais. Após a pandemia, a brecha se aprofundou (Caldarulo *et al*., 2022); contudo, esses estudos falam de números, tudo está dado em cifras, que certamente importam, mas deixam de lado a experiência. Não falam da experiência de se tornar mãe.

> Creo que me di cuenta de que era mamá cuando mi hijo mayor lloró en la sala de parto. Mientras mi madre se regocijaba y mi compañero me acompañaba, yo apenas me sostenía (Duque-Cardona, 2025c, não paginado).

Embora as Ciências da Informação não sejam alheias a esse fenômeno, tampouco o têm estudado. Quantas estudantes de graduação abandonam sua formação devido à maternidade? Quantas bibliotecárias interromperam ou atrasaram seus estudos de pós-graduação pela criação dos filhos? Quantas professoras de Biblioteconomia escrevem artigos de madrugada porque é seu único horário livre? Quantas arquivistas renunciaram a se candidatar a um concurso porque coincidia com o período de amamentação? Não sabemos, pois não perguntamos, porque nosso campo não considera que essas perguntas sejam «científicas».

4 O FANZINE COMO DISPOSITIVO INFORMACIONAL CONTRA-HEGEMÔNICO: QUE TIPO DE DOCUMENTO É UM FANZINE?

Um fanzine é uma publicação autogerida, de baixo custo, produzida à margem dos circuitos editoriais convencionais. Nasceu nas subculturas do punk e da ficção científica dos anos setenta, mas foi apropriado por movimentos feministas, queer e antirracistas como ferramenta de contrainformação e memória. Nas Ciências da Informação, o fanzine ocupa um lugar incômodo: não é livro, revista ou folheto; carece de ISSN ou DOI; não circula por bases de dados indexadas e muito menos acumula citações. No entanto, informa, comunica, registra e preserva.

Retomando a perspectiva da organização do conhecimento, o fanzine é um documento que desafia as taxonomias. Onde o localizamos na Classificação Decimal Universal (CDU)? É

literatura cinzenta? Publicação periódica? Documento pessoal? A dificuldade para classificá-lo não é um defeito do fanzine, mas sim um sintoma de que os sistemas de classificação foram desenhados para a produção editorial hegemônica. Os tesauros de Ciência da Informação não possuem descritores para «fanzine feminista autoetnográfico sobre maternidade acadêmica». E essa ausência terminológica é, em si mesma, um dado informacional relevante: o que o sistema não nomeia, o sistema não vê.

Meus quatro fanzines — *Irse para encontrarse*, *Acerca del deseo, la culpa y lxs hijxs*, *Maternidad sin previo aviso* e *Criar, alimentar* — operam como dispositivos de memória em um sentido preciso: registram uma experiência que não cabe no formato artigo, nem no formato comunicação, nem no formato relatório. Registram o cheiro da cozinha onde se escreve entre panelas, os nomes próprios das mulheres que sustentam a rede de cuidado (Manu, Flor, Gaby, Alicia, Niya, Hilda, LuzMi, a bisavó Mita de 93 anos), a decisão de colocar em uma mala de 23 quilos toda uma vida. Essa informação é irredutível ao formato acadêmico convencional; porém, é informação.

4.1 FANZINE, GÊNERO E CONTRAINFORMAÇÃO

O fanzine feminista tem uma genealogia própria, para a qual é preciso viajar no tempo até as Riot Grrrls dos anos noventa, que o utilizaram para falar de abuso sexual, transtornos alimentares e raiva política quando os meios de comunicação mainstream não lhes davam espaço. Na América Latina, coletivos como Bibliotecas A La Calle utilizaram o fanzine como ferramenta de mediação de leitura em contextos populares. O conceito de biblioacoso que propus em 2021 (Duque-Cardona, 2021), de fato, circulou inicialmente como parte de uma campanha que incluía peças gráficas em formato de fanzine antes de ser formalizado em um capítulo acadêmico (Gonçalves; Duque-Cardona; Restrepo-Fernández, 2022).

O que me interessa sublinhar é que o fanzine não é um formato menor nem um rascunho de algo que depois se converterá em artigo; trata-se de um tipo de documento completo em si mesmo, com sua própria lógica de produção (autogestão), circulação (redes informais, links abertos, mão a mão) e recepção (leituras afetivas, não avaliação por pares). Quando decidi narrar minha maternidade em fanzines e não em artigos, não foi por falta de ofício acadêmico; foi porque a experiência que precisava narrar exigia um formato que admitisse a primeira pessoa sem pedir desculpas, a poesia misturada com estatísticas, o grito junto à citação bibliográfica. As Ciências da Informação deveriam prestar mais atenção a esses

documentos, não apenas como objeto de estudo, mas como forma legítima de produção de conhecimento.

4.2 OS FANZINES COMO DISPOSITIVOS INFORMACIONAIS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para sustentar a proposição de que os fanzines operam como dispositivos informacionais, apresentamos a seguir uma análise do conteúdo de cada um deles, identificando os tipos de informação que registram, as fontes que articulam e as funções informacionais que desempenham.

O primeiro fanzine, *Irse para encontrarse: memorias desde el Sur*, registra informação de natureza diversa que nenhum artigo acadêmico convencionalmente acolheria em um único documento. Em primeiro lugar, documenta condições materiais de formação profissional: a autora narra que se graduou em Bibliotecologia quando seu primeiro filho tinha oito meses de vida, sem licença-maternidade, voltando à sala de aula na quarta-feira seguinte ao parto. Esse dado, aparentemente anedótico, constitui informação sobre as condições de acesso e permanência de mulheres-mães no ensino superior colombiano — informação que não consta em nenhum relatório institucional da Universidad de Antioquia. Em segundo lugar, o fanzine incorpora dados estatísticos da ONU Mulheres sobre desigualdades de gênero em contextos rurais: mulheres representam dois terços das 796 milhões de pessoas analfabetas no mundo; apenas 39% das meninas rurais frequentam o ensino secundário; mulheres rurais ganham 82 centavos por cada dólar que recebem os homens. Em terceiro lugar, articula esses dados com uma reflexão situada sobre o papel das bibliotecas e escolas rurais como espaços de cuidado. A coexistência, em um mesmo documento, de narrativa pessoal, dados estatísticos e reflexão teórica configura um tipo de registro informacional que desafia as categorias convencionais da organização do conhecimento.

O segundo fanzine, *Acerca del deseo, la culpa y lxs hijxs*, opera como registro de uma experiência emocional e epistêmica que os sistemas de informação acadêmicos não capturam: a tensão entre o desejo materno e o desejo intelectual. A autora documenta como a decisão de «parar» — aceitar uma comissão de estudos pós-doutoral — não resultou no prazer idealizado, mas na assunção integral das tarefas domésticas e de cuidado, a 6.381 quilômetros de sua rede de apoio. O fanzine registra também saberes territoriais: incorpora a história de Micaela Bilbao, intendenta mais jovem da Argentina aos 22 anos em Lago Blanco (Chubut), e dados da Secretaria de Cultura da Argentina sobre mulheres rurais. A função

informacional aqui é dupla: preserva uma experiência vivida que de outro modo se perderia e conecta essa experiência com informações contextuais que a sustentam.

O terceiro fanzine, *Maternidad sin previo aviso*, constitui talvez o documento mais revelador do ponto de vista informacional, pois registra o que a autora denomina «o ponto da fragilidade»: o momento em que se descobriu mãe, a ambivalência frente à Interrupção Voluntária da Gravidez, a culpa de não estar 24/7 com os filhos, e a decisão de levá-los à Argentina por seu próprio desejo, sem consultá-los. Esse tipo de informação — que toca dimensões subjetivas, corporais e emocionais da experiência materna na academia — não encontra abrigo em nenhum gênero documental reconhecido pelas Ciências da Informação. O fanzine funciona, nesse caso, como um documento-testemunho que registra aquilo que Rich (2019) chamou de maternidade como experiência, em contraposição à maternidade como instituição. Incorpora ainda a referência teórica de Pena (2019) sobre maternidades e criações no Movimento Campesino de Santiago del Estero, articulando vivência pessoal e produção acadêmica em um mesmo suporte.

O quarto fanzine, *Criar, alimentar: una tarea sin manual de instrucciones*, é o que mais diretamente dialoga com o campo da Ciências da Informação. A autora parte da etimologia de «criar» (do latim *creāre*) para propor que criar é, antes de tudo, um ato de linguagem: falar, contar histórias, compartilhar a palavra. O fanzine registra nominalmente a rede de mulheres que sustenta a criação à distância — Manu, Flor, Gaby, Alicia, Niya, Hilda, LuzMi, Ceci, Mariana, a bisavó Mita de 93 anos —, constituindo um mapa relacional de cuidado que nenhum sistema de informação convencional documenta. Além disso, incorpora o conceito quéchua de *guagua* e as práticas de *guailir* e *acococharr* (carregar crianças em rebozo), documentadas por Remorini (2013), e dados do DANE sobre 600.000 crianças rurais colombianas com defasagem de 20 meses no desenvolvimento da linguagem. O fanzine culmina com a proposição de que bibliotecas e escolas rurais «podem e deveriam ser lugares para o cuidado, a vida, para que a palavra nos recorde que a humana condição não vem somente por ser nossa espécie: ela se cultiva ao longo da vida, se alimenta, se cria». Essa proposição, nascida da experiência corporal e sustentada por dados empíricos, constitui uma hipótese de pesquisa que a Ciências da Informação deveria acolher.

Em síntese, os quatro fanzines registram pelo menos cinco tipos de informação que os circuitos acadêmicos convencionais não capturam: (a) condições materiais de formação e

trabalho de mulheres-mães na Ciências da Informação; (b) redes de cuidado que sustentam a produção de conhecimento no Sul Global; (c) saberes ancestrais e territoriais sobre criação e linguagem; (d) dados estatísticos contextualizados pela experiência vivida; e (e) a dimensão emocional e corporal da pesquisa acadêmica. Essa multiplicidade informacional, articulada em um formato autogerido, de livre circulação e acesso aberto, é o que nos permite afirmar que os fanzines não são meros registros pessoais, mas dispositivos informacionais contra-hegemônicos que ampliam o que a C Ciências da Informação reconhece como documento, como fonte e como conhecimento.

5 REIVINDICAÇÃO DA PRIMEIRA PESSOA NAS CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

As Ciências da Informação se construíram historicamente sustentadas em um ideal de neutralidade: o profissional da informação como mediador invisível, o sistema como artefato objetivo, a classificação como operação técnica desprovida de ideologia. Essa ficção de neutralidade tem sido questionada através de múltiplas frentes — a biblioteconomia social, os estudos críticos de informação, as epistemologias do Sul —, mas segue operando como senso comum disciplinar. Diante disso, a autoetnografia interrompe esse senso comum ao colocar o corpo de quem pesquisa no centro da cena.

Escrever «me gradué de bibliotecóloga con mi hijo de ocho meses en brazos» (Duque-Cardona, 2025a, não paginado) é um enunciado que contém informação sobre as condições materiais de formação profissional em Biblioteconomia na Colômbia. Declarar que «el tiempo para el ocio aún no llega, más sí el tiempo para pensarme y darme cuenta de que no podemos solas» (Duque-Cardona, 2025a, não paginado) é um dado sobre redes de cuidado e sua relação com a produção de conhecimento no Sul Global. Afirmar que «las bibliotecas y escuelas en contextos rurales siguen siendo espacios para el cuidado» (Duque-Cardona, 2025a, não paginado) é uma hipótese de pesquisa nascida da experiência corporal, não do estado da arte.

A autoetnografia, como assinalam Adams, Holman Jones e Ellis (2015), produz conhecimento através da narrativa pessoal sistemática e reflexiva; não se trata de um diário íntimo publicado sem mais, mas de um exercício deliberado de conectar a experiência individual com processos culturais, sociais e políticos mais amplos. Quando escrevo em meus fanzines sobre a *guagua* — termo quéchua para referir-se à criança de colo, documentado por Remorini (2013) em comunidades rurais do noroeste argentino —, estou conectando minha experiência de criação no Sul com saberes ancestrais sobre o cuidado que a Biblioteconomia

ignora. Ao citar as estatísticas do DANE sobre 600.000 crianças rurais colombianas com defasagem de 20 meses no desenvolvimento da linguagem, estou argumentando que criar com palavras não é metáfora, mas urgência política.

As Ciências da Informação precisam abrir espaço para essas narrativas para além da curiosidade metodológica ou da seção especial em um dossiê temático, como forma legítima de produzir conhecimento sobre os fenômenos que nos ocupam: a informação, a memória, o acesso, a organização do saber. O nó materno de Lazarre (1976) nos ensina que há experiências que não se resolvem com um marco teórico limpo e uma metodologia esquematizada e polida; o que existe são experiências que se habitam e que as mulheres que maternam e produzem ciência não são cientistas abstraídas da maternidade — esta atravessa nosso fazer. Assim, habitar, narrar e publicar em um fanzine as vivências que circularão livremente pelo WhatsApp é também fazer Ciências da Informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: HABITAR O NÓ

Comecei este trabalho com uma cena doméstica e o termino com outra: são onze da noite em La Plata, meus filhos dormem, e eu escrevo estas considerações finais com o som de fundo de um bairro que não é o meu, em um país que me acolheu para que eu pudesse parar. Mas parar, aprendi na própria pele, não é deter-se; é mudar a velocidade sem soltar o volante. Não se pode deixar de ser mãe, pesquisadora, professora, feminista, bibliotecária, cozinheira, tudo ao mesmo tempo, mas a partir de outro lugar geográfico e emocional.

Os quatro fanzines que analisei neste trabalho não são apenas documentos pessoais; são dispositivos informacionais que registram uma memória invisível para o sistema acadêmico convencional: a memória de quem materna enquanto faz ciência social no Sul. Além disso, são também um exercício metodológico onde a autoetnografia, como caminho, possibilita produzir conhecimento em primeira pessoa em um campo que tem privilegiado a terceira. E são, finalmente, um ato político publicado em acesso aberto, desenhado em formato fanzine e divulgado nas redes informais, posto que esse tipo de informação não seria aceito pelas revistas indexadas porque não tem «rigor metodológico» ou trata de temas «demasiado pessoais» e, claro, «não contribui para o estado da arte».

Lazarre (1976) nos ensinou que o nó materno não se desata; se habita, se escreve e se compartilha com outras mulheres que reconhecem na tua história a sua própria. É exatamente isso o que buscam meus fanzines e este trabalho: que alguma bibliotecária que está

amamentando às três da manhã enquanto corrige sua dissertação de mestrado os leia e se sinta menos sozinha. Que uma arquivista que adiou seu doutorado porque não tinha com quem deixar seus filhos saiba que sua história também é conhecimento. Que uma professora de Ciências da Informação que cozinha cinco refeições por dia e escreve artigos de madrugada entenda que seu esgotamento não é falta de vocação, mas carência de uma política pública em torno do cuidado.

As Ciências da Informação têm uma dívida com as maternidades que as sustentam; creio que nomeá-la é o primeiro passo. Os fanzines, com seu formato livre, sua circulação afetiva e sua recusa a pedir permissão, são uma forma de começar a saldá-la. Semear a palavra para colher a vida, sim, mas também semear a palavra para que o nó não nos asfixie.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Tony E.; HOLMAN JONES, Stacy; ELLIS, Carolyn. **Autoethnography**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

BLANCO, Mercedes. Autoetnografía: una forma narrativa de generación de conocimientos. **Andamios**, Ciudad de México, v. 9, n. 19, p. 49-74, 2012. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-00632012000200004. Acesso em: 10 maio 2026.

CALDARULO, Martina *et al*. The impact of COVID-19 on the gender gap in research productivity. **Research Policy**, Amsterdam, v. 51, n. 8, art. 104596, 2022. DOI:10.7554/eLife.85427. Acesso em 22 outubro 2026

DUQUE-CARDONA, Natalia. **Acerca del deseo, la culpa y lxs hijxs**. La Plata: [*s. n.*], 2025a. Fanzine autoetnográfico.

DUQUE-CARDONA, Natalia. **Criar, alimentar**: una tarea sin manual de instrucciones. La Plata: [*s. n.*], 2025b. Fanzine autoetnográfico.

DUQUE-CARDONA, Natalia. **Irse para encontrarse**: memorias desde el Sur. La Plata: [*s. n.*], 2025c. Fanzine autoetnográfico.

DUQUE-CARDONA, Natalia. **Maternidad sin previo aviso**. La Plata: [*s. n.*], 2025d. Fanzine autoetnográfico.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (ed.). **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 733-768. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/378521020_Autoethnography_Personal_Narrative_Reflexivity_Researcher_as_Subject. Acesso em: 22 outubro 2026

GONÇALVES, Gracy Kelli Martins; DUQUE-CARDONA, Natalia; RESTREPO-FERNÁNDEZ, María Camila. La perspectiva de género en el espacio público: mirando la violencia a las mujeres en la Bibliotecología y la Ciencia de la Información. *In*: ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **Informação, diálogo e ações para enfrentamento à violência contra meninas e mulheres**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2022. p. 207-257. (Selo Nyota).

HARDING, Sandra. **Feminism and methodology**: social science issues. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

LAZARRE, Jane. **The mother knot**. New York: McGraw-Hill, 1976.

PENA, Mariela. Maternidades y crianzas en el Movimiento Campesino de Santiago del Estero-Vía Campesina (Argentina). **Anthropologica**, Lima, v. 37, n. 43, p. 175-202, 2019. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9149094.pdf. Acesso em: 22 outubro 2026

REMORINI, Carolina. Estudio etnográfico de la crianza y de la participación de los niños en comunidades rurales de los Valles Calchaquíes septentrionales (noroeste Argentino). **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**, Lima, v. 42, n. 3, p. 411-433, 2013. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/126/12630966006.pdf. Acesso em: 22 outubro 2026

RICH, Adrienne. **Nacemos de mujer**: la maternidad como experiencia e institución. Tradução de Ana Becciu. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

TAKAHASHI, Adriana R. W.; TAKAHASHI, Sérgio. Gender differences in academic career progression: the case of Brazilian researchers. **Higher Education**, Dordrecht, v. 70, n. 1, p. 141-155, 2015.